



Jornalismo em Sala de Aula a Serviço da Cidadania ¹

Bianca Damas Pereira²
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Estudos e experiências no campo da comunicação e educação têm reforçado a influência que os meios de comunicação exercem no espaço escolar. O jornal como instrumento de pedagogia em sala de aula promove inúmeros impactos no aprendizado e na formação de estudantes de Ensino Médio da rede pública. Desse modo, serão analisados os dados gerados pelo uso do Jornal *OutroOlhar* em sala de aula, as oficinas de comunicação e a produção do jornal mural, realizados na Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, localizada em Viçosa-MG. Observou-se que as atividades levaram os estudantes a desenvolverem novas formas de olhar para a mídia, em particular para o *OutroOlhar*, e para realidade a sua volta. Isto culminou em ações concretas, como a prática de leitura e a participação no ecossistema comunicacional da escola.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; educomunicação; jornalismo.

Comunicação e Educação

Por muito tempo os estudos de comunicação e educação se consolidaram em campos específicos, cada qual com suas características e particularidades. O primeiro seria responsável pela “difusão de informação, lazer popular e manutenção do sistema produtivo” e o segundo pela “transmissão do saber” (SOARES, 2000, p.13). Mas, segundo Ismar de Oliveira Soares (2000, p.13), o entrelaçamento dos dois campos passou a ser observado na América Latina pelos teóricos Célestin Freinet, Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún.

Segundo José Marques de Melo e Sandra Pereira Tosta (2008, p.18), Celestín Freinet foi o teórico da educação que mais contribuiu para a reflexão entre educação e comunicação, principalmente por cogitar uma pedagogia que incitasse a crítica aos

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduada no Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFV- MG, email: biancadamasjornalismo@gmail.com



meios de comunicação por estudantes, sendo eles os “produtores”. O teórico, já na primeira metade do século XX, estudava o uso do jornal em sala de aula e prospectava um veículo escolar que “preparasse para a vida”.

O autor Mário Kaplún (1999, apud Soares, 2000, p.20) explica pelo termo “Comunicação Educativa”, que a comunicação oferece meios e técnicas à educação para desenvolver a capacidade comunicativa do educando. Segundo o autor, seria “educar pela comunicação e não para a comunicação” e a comunicação seria o canal pelo qual a educação se desenvolveria.

Para Marques de Melo e Tosta (2008, p.54) existe uma sintonia entre os dois campos quanto à “circulação da livre expressão e informação como condição para a democracia social e o exercício da cidadania”. Para tanto, torna-se necessário entender os objetivos da mídia, sob o viés crítico com o intuito de se predispor para “ler, selecionar, criticar, refutar, ressignificar o mundo” e se construir como “sujeitos autônomos, competentes do ponto de vista técnico, político e ético” (MARQUES DE MELO; TOSTA, 2008, p.56).

Meios de Comunicação e o ensino

Muitos teóricos compartilham o pensamento de que os meios de comunicação têm a função de educar e podem até ser utilizados ou atrelados às práticas pedagógicas. Luiz Amaral (2001, p.31) cita em seus estudos que em Assembleia Geral, em 1962, a ONU afirmou que os meios de comunicação representam grande influência na educação e no desenvolvimento econômico e social e “que novas técnicas de comunicação oferecem possibilidades excepcionais de acelerar a educação”. Por isso, toma-se como pressuposto que os meios de comunicação são fundamentais no exercício da educação e assim, considerá-los constituintes da categoria de educação não formal. Considera-se educação informal como aquela oferecida por certas instâncias da sociedade durante toda a vida do indivíduo, sendo constante e sem sistematização. A educação formal é sistematizada e é oferecida pela educação escolar. E enfim, a educação não formal, apesar de possuir uma estruturação, não possui tempos e locais fixos e os conteúdos são maleáveis. (AFONSO, 1989, p.78 apud CARCINEL, 2005, p.47).



Na verdade, até a década 60 pensava-se que os meios de comunicação eram uma influência contraproducente para os educandos. Acreditava-se que os “*media* poderiam produzir resultados negativos nos jovens, sendo necessário, portanto, que os sistemas convencionais de produção cultural, como a escola assumissem papel mais crítico diante dos meios de comunicação”. Mas, com os estudos de recepção e mediação este cenário mudou e com o avanço da indústria midiática na metade do século XX (“Idade Mídia”) o plano cultural da sociedade passou a se estruturar considerando os meios de comunicação, que “se configuram também como ‘educadores’, dividindo essas funções com agências socializadoras tradicionais, como a família e a escola” (CITELLI, 2004a, p. 151).

Os meios de comunicação passaram a fazer parte da vida dos estudantes e isso fez com que as instituições formais repensassem o modo como se posicionam diante da mídia. Estes órgãos começaram a refletir sobre uma educação voltada para a leitura midiática, para o entendimento dos elementos veiculados e também em práticas educacionais que tivessem em suas atividades a utilização de meios de comunicação. (MARQUES DE MELO; TOSTA, 2008, p.29, 50,61; CITELLI, 2004a, p.135).

Caberia, portanto, à escola discernir os valores que permeiam os discursos gerados para refleti-los “nos tempos e espaço escolares, favorecendo a aprendizagem do mundo e sobre o mundo”. Sendo assim, seriam necessários “filtros” que tornassem o processo de recepção da mídia, “criativo e ativo”, já que os estudantes e professores não são meros receptores passivos. (MARQUES DE MELO; TOSTA, 2008, p.27,50). Para Pierre Lèvy (1999), a escola deve,

[...] acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (LEVY, 1999, p. 172 apud. MARQUES DE MELO; TOSTA, 2008, p.26).

Por meio da proposta de inter-relação entre educação e comunicação, a escola se torna também um ambiente de debate recíproco entre professor e aluno. A troca de saberes é caracterizada pelo diálogo, no acordo entre os sujeitos (ativos), dentro do mesmo quadro de significados (FREIRE, 1983, p.46). Para Marques de Melo e Tosta (2008, p.61), o professor, com o uso dos meios e suportes variados, formam indivíduos



capazes de se relacionar com o mundo e agirem com responsabilidade, com vista na mudança social.

Quanto ao processo de aprendizagem, Adilson Odair Citelli (2004a) disserta que é preciso disponibilizar ferramentas para que os educadores e educandos entendam melhor “os significados dos mecanismos de ação e resultados práticos ensejados pelos *media* e pelas novas tecnologias” (Citelli, 2004a, p.147, grifo do autor). Isto porque, o entendimento da mídia diz respeito também à tomada de consciência crítica e se torna cada vez mais imperioso permitir que o indivíduo transforme sua realidade, ao passo em que ele organiza os espaços geográficos e concebe a história pelo exercício de criação (FREIRE, 1979, p.33).

Educomunicação

A educomunicação se propõe a planejar e colocar em prática “políticas de comunicação educativa” e pretende criar e desenvolver os “ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias” (SOARES, 2002, p.24). Ela traz uma pedagogia nova que dialoga com as tecnologias tradicionais de ensino. Segundo Soares (2001), educomunicação é, portanto,

[...] o conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (SOARES, 2001, p.43).

Uma das questões práticas da educomunicação seria trabalhar com professores e alunos para melhorar os fluxos comunicativos na escola, dentro do ecossistema escolar. É importante entender os ecossistemas comunicativos como ações mais amplas de comunicação, no que se refere às relações interpessoais entre alunos, professores e funcionários, pensando em espaços abertos de debate, além do acesso democrático às tecnologias de informação. Após o equilíbrio deste ecossistema, a escola se posiciona com relação à mídia e passa, assim, a apropriar dos meios de comunicação de forma avaliativa, crítica e a produzir a própria mídia. Entende-se por ecossistemas comunicativos, (conceito introduzido por Jésus Martin-Barbero) por,



[...] a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional (SOARES, 2000, p.22, grifo do autor).

Jornal em sala de aula

Dentro da educomunicação vários projetos são desenvolvidos com foco em diferentes aspectos, como o uso de tecnologias na escola e leitura crítica. Destacamos o jornal em sala de aula como uma pedagogia de ensino e de formação cidadã. José Péricles Diniz afirma que a própria escolha no jornal do texto para leitura acontece de forma crítica e com liberdade. O autor alega que “apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler” (DINIZ, 2005, p.5).

Maria Alice de Oliveira Faria (2006, p.11) concorda e sugere a possibilidade de se trabalhar em sala de aula com jornais e revistas para complementar a formação do estudante, permitindo que ele se informe sobre os acontecimentos externos à escola e não fique isolado do mundo dentro das dependências da instituição. Esta ligação entre a escola e sociedade é uma função do professor e por meio do jornal é possível trazer “o mundo” para sala de aula.

A autora ainda completa que se a leitura for adequada ela “prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade” (idem). Com intuito de debater temas atuais dentro das perspectivas de cada disciplina, o jornal em sala de aula pode provocar no aluno do Ensino Médio a reflexão sobre vários assuntos do cotidiano e da própria prática de leitura. Diniz (2005) identifica algumas características que permitem afirmar que o jornal é um instrumento pedagógico que seriam:

o seu conteúdo diversificado e atualizado, sua natureza transdisciplinar e linguagem concisa (e portanto acessível) e direta (informativa e factual, o que incentiva a formulação de análises críticas da realidade), assim como a sua característica de documento, de registro histórico dos principais fatos de relevância social, nacionais e internacionais (e alguns outros nem tão importantes assim, do ponto de vista da coletividade). (DINIZ, 2005, p.5).

A relação entre cidadania e uso do jornal se estabelece no momento em que o leitor habitual de jornal “edita sua leitura, faz escolhas e adota, portanto, uma postura



crítica e ativa diante do conteúdo informativo colocado a sua frente. É deste tipo de atitude que se alimenta o princípio básico da cidadania” (DINIZ, 2005, p.6).

Marques de Melo propõe um jornal na escola atrelado à capacitação dos estudantes para realizarem a leitura crítica dos meios, mostrando a parcialidade que existem na política dos veículos de comunicação. Ele “propõe jornal escolar, não como uma imitação da grande mídia, mas como um espaço para os alunos expressarem seus conflitos e interesses levá-los a ‘percepção do espaço em que vivem’” (MARQUES DE MELO, 1971, apud FARIA, 2006, p.13).

Projeto de Extensão

Na Universidade Federal de Viçosa, no Curso de Comunicação Social-Jornalismo, o Projeto *OutrOlhar* se desenvolve desde 2007 com o objetivo de apropriar do Jornal *OutrOlhar*, produzido pelo estudantes do Curso, para ampliar os estudos sobre jornal-laboratório (ensino), sobre uso do jornal em sala de aula (extensão) e para averiguar a satisfação do público-alvo e como atendê-lo (pesquisa).

O jornal *OutrOlhar* é um jornal-laboratório produzido por estudantes do Curso de Jornalismo da UFV desde 2003. Esta atividade laboratorial é uma exigência das diretrizes do Conselho Nacional da Educação. A produção do veículo tem como viés preparar os alunos para o domínio das técnicas das redações, aliadas a uma consciência ética e cidadã, sintonizadas com as necessidades do mercado. Entretanto, a partir do Projeto *OutrOlhar*, coordenado pelo professor do Curso de Jornalismo da UFV Joaquim Sucena Lannes, percebeu-se que a atividade curricular poderia se tornar algo mais amplo e útil, tanto para estudantes de jornalismo quanto para o público-alvo, que são os estudantes do Nível Médio de escolas públicas.

Com o mesmo intuito de aproximar o jornal do público-alvo, como versa o Projeto *OutrOlhar*, em 2012 foi acrescentado a ele o braço da extensão, nomeado “O jornal e as práticas jornalísticas como instrumentos de formação acadêmica e cidadã de estudantes do segundo grau”, recebendo o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX/UFV). O objetivo é o de estimular a leitura e a interpretação, possibilitando um envolvimento maior e mais direto na confecção de um produto que traz assuntos pertencentes ao cotidiano dos próprios estudantes de Ensino



Médio e com vistas à discussão e conscientização cidadã e do hábito de leitura dos alunos.

Para a realização das atividades optou-se pela Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres (ESED RAT), que sempre foi receptiva ao jornal *OutrOlhar* e que por se localizar em um bairro carente de Viçosa, valida ainda mais a importância da extensão no local. Dessa forma, acontece a apropriação das edições do jornal *OutrOlhar* e das técnicas jornalísticas como ferramentas pedagógicas e de transformação social, uma vez que em seu conteúdo o jornal fomenta o debate acerca de temas da sociedade, importantes para a formação crítica dos leitores.

Metodologia e atividades desenvolvidas

Na versão piloto do projeto, realizada com o 3º ano da ESED RAT, as atividades foram direcionadas e trabalhadas conforme o estabelecido junto à professora de Português da turma, que cedeu algumas aulas para execução do projeto. As ações ocorreram em três instâncias:

- Crítica à mídia: atividades de leitura e interpretação dos conteúdos veiculados pelo *OutrOlhar*;
- Aprendizado das técnicas e conceitos jornalísticos: foram realizadas oficinas de texto jornalístico, fotografia e diagramação.
- Elaboração de um jornal mural: após a capacitação, os alunos da ESED RAT produziram seu próprio jornal, o *School Times* (nome escolhido por eles).

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os participantes, para conhecê-los, entender a relação deles com os meios de comunicação, com o *OutrOlhar* e hábito de leitura deles. Na última etapa, ocorreram outras entrevistas com os alunos, contendo uma autoavaliação, e com professores e funcionários, para que fossem avaliadas as atividades desenvolvidas. Ainda, durante todo o processo, foram realizados diários de campo (anotações do investigador e sistematização para uma posterior análise). A partir dos dados colhidos foi possível constatar e analisar os impactos da apropriação do jornal e das práticas jornalísticas em sala de aula para o estímulo de leitura e formação cidadã dos estudantes de Ensino Médio.

Resultados do jornal em sala de aula



Com a participação no projeto e com o contato com a linguagem e técnicas jornalísticas eles passaram a observar mais as informações que liam, ouviam e assistiam. Eles começaram “a ver as coisas com outros olhos”, como alegou um dos alunos na entrevista. Alguns deles afirmaram que passaram a gostar e ter mais vontade e curiosidade de assistir telejornais e ler jornais, ou passaram a diversificar a leitura. Um dos estudantes ainda relatou: “percebi quanto trabalhoso é levar a notícia para todos”.

Observa-se, desta forma, que os participantes perceberam a importância de buscar informações, e com o projeto passaram a entender melhor como se estrutura a lógica da mídia, o que os capacita ao consumo midiático de forma crítica.

Além disso, a elaboração de notícias a partir de temas que eles mesmos pensaram, como uso de drogas na escola, superlotação dos ônibus escolares, educação ambiental, escolha profissional, aumentou o interesse pela participação. Eles puderam enxergar vários fatos que acontecem na escola e, de uma forma geral na sociedade, e vislumbrarem a possibilidade de transformação da realidade, a partir do direito de comunicação e informação. Tanto os estudantes como os demais professores e funcionários acharam interessante a proposta do jornal mural e se identificaram, pois viram o ambiente em que trabalham e estudam em um veículo de comunicação.

Durante todo o processo os estudantes estavam cientes de cada etapa, podendo participar e opinar, construindo, juntos o conhecimento a respeito do que era discutido. Todas as oficinas (*figura 3 e 4*) tiveram o objetivo principal de proporcionar a prospecção de fatos e fotografias para a produção do jornal mural (*figura 5*). Como afirmam Fernanda Coelho, Raquel Lara Rezende e Cláudia Regina Lahni (2000, p.14), “na medida em que essas/es jovens tornaram-se autores de conteúdos comunicativos, tornar-se-ão mais críticos em relação ao conteúdo veiculado pela mídia massiva em geral”.

Nestas ações os alunos passam a ter mais conhecimento para avaliarem os meios de comunicação que consomem e exigir dos veículos a qualidade, o que se configura em um benefício para a sociedade, na medida em que se pensa mais em um produto que atenda à população.

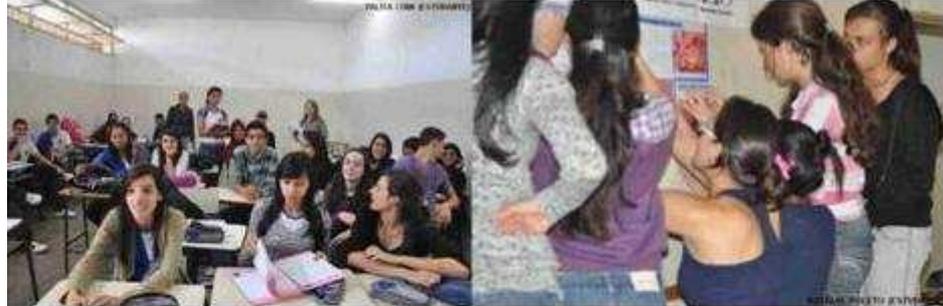


Figura 3- Estudantes participam da oficina de texto

Figura 4- Estudantes e monitora na montagem do jornal mural



Figura 5- Jornal Mural produzido pela Turma 322 do ESEDRA1

Na autoavaliação alguns alunos relataram: “Foi uma aprendizagem que nos fez ouvir diferentes versões sobre um determinado fato, as opiniões e sua repercussão. Além de mostrar que tudo ao nosso redor pode gerar uma notícia, basta que antes de tudo reflitamos sobre o assunto”. O que mostra que os estudantes ficaram mais atentos aos fatos importantes do cotidiano e despertaram a visão para aspectos positivos na sociedade, mas também sobre questões que precisam ser debatidas.

Enfim, o aprendizado com a produção do jornal, em suma, se constituiu do conhecimento de quais primeiros passos para se organizar as informações adquiridas, abordar adequadamente as ideias, e a fazer um texto mais enxuto e informativo; de questões sobre o lide, como fazer uma entrevista, fotografia, reportagem, como se deve conversar com os entrevistados e como selecionar e hierarquizar as matérias; também de que o jornal passa por vários processos até chegar às ruas; e é claro, de como trabalhar em equipe.

Desta forma, conclui-se que o projeto trouxe a informação, trabalhou-a sobre seus diversos ângulos. Além disso, na elaboração do texto jornalístico - conciso e objetivo - proporcionou um exercício prático de redação e conhecimento da língua portuguesa.



Esta proximidade estabelecida entre o jornal produzido por eles e suas realidades, também foi claramente observada no uso do jornal *OutrOlhar* em sala de aula, que por ser direcionado especificamente aos estudantes de Ensino Médio, perfil dos participantes do projeto, os temas motivaram os estudantes à leitura e ao interesse pelos meios de comunicação de uma forma geral.

Os participantes disseram que a experiência do Projeto foi interessante para o aprendizado, por trabalhar com o interesse pela leitura. Acredita-se que por meio da informação, mediante ao consumo de jornais, com conteúdos do interesse dos estudantes de Ensino Médio se possa gerar um hábito de leitura de veículos jornalísticos, contribuindo, assim, com a formação e conscientização sobre a realidade de cada um, direito e cidadania.

Considerações Finais

Na elaboração do trabalho em equipe, na construção de métodos, processos e produtos pelos estudantes, além da reflexão de assuntos que versam sobre a lógica da cidadania é possível estabelecer uma relação com a participação cidadã. Ao incitar o espírito crítico o jornal em sala de aula pode provocar no aluno do Ensino Médio a reflexão sobre vários assuntos do cotidiano e da própria prática de leitura.

Acredita-se que aproximar o jornal *OutrOlhar* dos estudantes permitiu que eles refletissem sobre a própria leitura e que expandissem este hábito, partindo do conhecimento sobre temas que são de seus interesses, como os trazidos pelo jornal, para aqueles que complementem a mais a informação e formação dos estudantes. Além disso, a produção de veículo de comunicação por jovens se torna uma necessidade e um instrumento pedagógico para que eles conheçam melhor o local em que vivem e a eles mesmos, para promover a cidadania e a autonomia. Ao levar os estudantes a praticarem o direito à voz e participarem mais ativamente de sua comunidade, abre-se a possibilidade para o exercício da cidadania.

Quanto à escola, percebe-se que a elaboração de um veículo produzido pelos alunos desperta a atenção dos demais estudantes, professores e funcionários por trazer os meios de comunicação mais próximo deles, e por mostrar a possibilidade de desenvolverem mais atividades como esta no colégio.



Sabe-se que ainda existem desafios que permeiam estas iniciativas. As escolas, por exemplo, precisam considerar a reinvenção do método de ensino, percebendo o diálogo entre meios de comunicação e educação para que os alunos construam um posicionamento crítico na sociedade. Por isso, é tão relevante que as escolas adaptem a esse processo, dentro de sua autonomia e estrutura, isto é, que se crie um ecossistema comunicativo dinâmico e plural.

Uma questão importante também se refere à capacitação dos professores do Nível Básico de ensino para lidar com meios de comunicação em sala de aula. Segundo a pesquisa desenvolvida por Citelli (2004b, p.35), os docentes admitem que surgem dificuldades ao trabalhar com a mídia. Isto acontece, pois “faltam orientações mais aprofundadas para o educador sobre como se fazer uma leitura crítica desses meios ante e junto com os alunos” (BATISTA, 2007 p.81).

Pensa-se por fim no conteúdo dos materiais pedagógicos, no aspecto em que eles auxiliem os educadores em sala de aula, respeitando as especificidades de cada ambiente escolar, e oferecendo não só para o estudante, mas também para o professor uma oportunidade de aprendizado (entendendo a escola como um espaço de troca de saberes). Dessa maneira, sabe-se que ainda há muito a ser pesquisado e experimentado. Cabe às instituições e órgãos educativos tomarem consciência da influência dos meios de comunicação, entenderem as dificuldades que surgem e promoverem ações com viés comunicacional de cunho cidadão.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Técnica de Jornal e Periódico**. 5ª ed. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

BATISTA, Roseli Araújo. **Mídia & Educação: Teorias do jornalismo em sala de aula**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CARCINEL, Amarildo. O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões. In: FUSER, Bruno (org.). **Comunicação Alternativa: Cenários e Perspectivas**. Belo Horizonte: Centro de Memória Unicamp Puc Minas, 2005.



CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3 ed., São Paulo: Editora Senac, 2004 a.

_____. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004b, v.6.

COELHO, F.; REZENDE, R. L.; LAHNI, C. R. Projeto Comunicação para a Cidadania: Experiência de Educomunicação com jovens. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 15, 2010, Vitória. **Anais eletrônicos...** Vitória, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-0799-1.pdf>. Acesso em: 17 de jan. 2013.

DINIZ, José Pércles. O jornal impresso na educação. **Rev. Presente!** Salvador, n. 49, v. 13, p.27-32, 2005. Plataforma Pública (UFRB). Disponível em: http://www.ufrb.edu.br/publica/components/com_mtree/attachment.php?link_id=20&cf_id=31. Acesso em 15 fev. 2013.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Extensão ou Comunicação?** tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 44-50.

MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação).

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da Educomunicação. In: SOARES, Ismar de Oliveira (coord.) **Cadernos de Educomunicação**. São Paulo: Salesiana, 2001.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. **Rev. Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 19 set./dez. 2000. p. 12-24. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acessado em 14 jan. 2013.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Rev. Comunicação e Educação**. São Paulo, n.23, jan./abril. 2002. p.16-25, v.8. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/4172_. Acesso em 14 jan. 2012.